



AL MANAK_Março, 31-2016

Registro de leituras : Democracia – Economia – Cultura



GRATO PELA LEITURA E COLABORAÇÕES – **P.Timm - Editor**

Postado diariamente em www.paulotimm.com.br

OS SOBREVIVENTES DE 64 SE ENCONTRAM 50 ANOS DEPOIS

O editor desta Almanak, presente!

APONTAMENTOS PARA UMA HISTORIA DE PORTO ALEGRE



Foto CAFDR – Fac. Filosofia UFRGS – 01 março 2014

<http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/141205072609POA.pdf>

Conheça dez histórias de corrupção durante a ditadura militar

UOL - 160.0

[HTTP://NOTICIAS.UOL.COM.BR/POLITICA/ULTIMAS-NOTICIAS/2015/04/01/CONHECA-DEZ-HISTORIAS-DE-CORRUPCAO-DURANTE-A-DITADURA-MILITAR.HTM](http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/04/01/conheca-dez-historias-de-corrupcao-durante-a-ditadura-militar.htm)

Índice

Vida que segue no Dia-a-dia: Resistindo pela Democracia

Aos berros: Intelectuais se manifestam pela democracia 02-07

Meu Brasil: Top 10 rotas para fazer no Brasil pg. 07

Intérpretes do Brasil – pg. 08

Máximas e Mínimas: Freud e a civilização pg.08

Imagens Revolucionárias: pg.10

Navegar é preciso: Tempo comprado – A crise adiada do capitalismo democrático – Wolfgang Streeck - pg 11-19

Livre Pensar: Opinião de A.Benayon - pg. 20-23

Nervo Exposto: A INTOLERÂNCIA EM MARCHA FORÇADA 24-31

ARS GRATIA ARS

Artes Poéticas: Estatutos do Homem pg. 32

Video: O orgulho, L.Karnal pg. 33

Cinema – “Os militares que disseram não” – S.Tendler pg. 34

Livros: Para entender 1964 – P.Timm pg. 35

Limpando a Língua com Machado – pg 36

Adão e Eva	Machado de Assis	[ua] Universidade da Amazônia - UNAMA
------------	------------------	---------------------------------------

Televisão: Marcos Lisboa no RODA VIVA pg. 39

Variedades: O álcool, pior das drogas pg.39

Crônica: As lições de Juscelino Kubitschek em 1964 pg30-42

Boletins e Blogs Recomendados - Final

**Uma publicação Confraria COQUETIM-
Torres – POA – S.Maria**

Notícias: EL PAÍS Brasil <http://brasil.elpais.com/>

**Artigos diversos - <http://indicedeartigosetc.blogspot.com.br/>
<http://www1.folha.uol.com.br/colunistas/>**

GATOS PINGADOS AOS BERROS



400 intelectuais, artistas e advogados gaúchos lançam manifesto em defesa da democracia

Da Redação - <http://www.sul21.com.br/jornal/400-intelectuais-artistas-e-advogados-gauchos-lancam-manifesto-em-defesa-da-democracia/>

Mais de 400 profissionais gaúchos das áreas de educação superior, cultura, pesquisa, comunicação, direito e ações comunitárias publicaram nesta terça-feira (29) na plataforma Avaaz um manifesto em Defesa Democracia e do Estado Democrático de Direito. Segundo eles, “o país corre um grave e iminente risco de ruptura institucional”.

Os signatários criticam o fato de que o processo de impeachment está sendo conduzido sem que a presidenta Dilma Rousseff seja investigada por um crime de responsabilidade. “No Parlamento, os presidentes da Câmara e do Senado estão sob investigação, acusados de envolvimento em corrupção, assim como centenas de outros parlamentares e políticos em todo o país. Os partidos de oposição aliados a setores descontentes da base governista estão encaminhando um processo de impeachment da presidente da República, de forma açodada e sem que tenha sido caracterizado crime de responsabilidade”, diz o manifesto.

O documento será lançado no dia 4 de abril, às 15h, no Salão de Atos 2 da UFRGS.

Confira a íntegra do manifesto:

Nós, profissionais gaúchos das áreas de educação superior, cultura, pesquisa, comunicação, direito e ações comunitárias, com atuação em diferentes espaços de produção intelectual públicos e privados no Rio Grande do Sul, vimos nos manifestar em defesa do Estado Democrático de Direito no Brasil.

O país corre um grave e iminente risco de ruptura institucional.

No Parlamento, os presidentes da Câmara e do Senado estão sob investigação, acusados de envolvimento em corrupção, assim como centenas de outros parlamentares e políticos em todo o país. Os partidos de oposição aliados a setores descontentes da base governista estão encaminhando um processo de impeachment da presidente da República, de forma açodada e sem que tenha sido caracterizado crime de responsabilidade.

No poder Judiciário, assistimos a uma clara partidarização de setores que têm se mostrado seletivos em relação aos investigados por malfeitos e lenientes com os princípios do Estado de Direito, estabelecidos pela Constituição Federal. Estes setores têm se aliado aos grandes grupos de mídia em suas práticas de acusação seletiva aos partidos da base do governo federal, incentivando uma descrença crescente da população nas instituições do Estado Democrático.

Setores expressivos do Ministério Público e da Polícia Federal não têm cumprido seu papel de realizar investigações apartidárias, de modo que todos os suspeitos de corrupção possam ser investigados e julgados de forma imparcial – salvaguardados o direito ao contraditório e a presunção da inocência. Pelo contrário, vêm mantendo uma postura sem imparcialidade, de clara desestabilização

do

Governo

Federal.

O poder Executivo Federal, por sua vez, encontra-se imobilizado frente às importantes mudanças necessárias para o enfrentamento da crise econômica e a retomada do desenvolvimento com inclusão social, defesa da soberania nacional e democracia, bandeiras fundamentais do programa pelo qual foi eleito.

Os ataques constantes realizados ao Poder Executivo têm tido como consequência a redução de sua capacidade de atuar como liderança hemisférica na defesa do desenvolvimento autônomo das nações, frente ao poder dos grandes blocos econômicos hegemônicos.

Deste quadro de instabilidade institucional decorre uma grave polarização política, que desencadeia atos de intolerância e ódio entre posições divergentes, como atestam as crescentes manifestações de violência física e simbólica ocorridas em diferentes regiões do país. É urgente, portanto, que as forças democráticas do país e as instituições republicanas se manifestem em defesa do Estado Democrático de Direito. A alternativa não democrática implicaria retrocessos em termos políticos, sociais e econômicos para o país e, principalmente, para os segmentos da população em situação de maior vulnerabilidade social.

Conclamamos a unidade em defesa da democracia. Trata-se de defendê-la acima de tudo. Que a vontade soberana do povo não seja alterada por um impeachment ilegal ou por ações jurídicas partidarizadas, que afrontem os direitos constitucionais.

8/dez/2015, 19h39min

Intelectuais lançam manifesto em defesa da democracia



Foto: Reprodução

Do [Brasil247](#) –

<http://www.sul21.com.br/jornal/intelectuais-lancam-manifesto-em-defesa-da-democracia/>

Está disponível o texto do manifesto de artistas e intelectuais em defesa da democracia e a favor da cassação de Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Já assinam o texto nomes como Chico Buarque, Emir Sader, Eric Nepomuceno, Frei Betto, Paulo Betti, Fernando Morais, Chico César e Jorge Mattoso. Confira abaixo:

MANIFESTO EM DEFESA DAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS

O Brasil vive um momento histórico em que a legalidade e as instituições democráticas são testadas, o que exige opinião e atitude firme de todos e todas que têm compromisso com a democracia. Desde as eleições de 2014, vivemos um grande acirramento político que permeia as mais diversas relações humanas e sociais. Essa situação ganhou novos ingredientes a partir da eleição de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara dos Deputados e, de forma especial, após este ser denunciado pelo Ministério Público Federal por seu envolvimento em atos de corrupção, possuindo contas bancárias no exterior e ocultando patrimônio pessoal.

Absolutamente acuado pelas denúncias, pelas fartas provas do seu envolvimento em atos ilícitos e enfrentando manifestações em todo Brasil contra a agenda conservadora e retrógrada do ponto de vista de direitos que lidera, Cunha, que já não tem mais nenhuma legitimidade para presidir a Câmara, decidiu enfrentar o Estado Democrático de Direito. A aceitação de um pedido de impedimento da Presidenta da República no momento em que avança o processo de cassação do deputado é uma atitude revanchista que atenta contra a legalidade e desvia o foco das atenções e das investigações.

Neste sentido, viemos a público repudiar a tentativa de golpe imposta por Eduardo Cunha, por não haver elementos que fundamentem esta atitude, a não ser pelo desespero de quem não consegue explicar o seu comprovado envolvimento com esquemas espúrios de corrupção. Não se trata neste momento de aprovar ou reprovar a administração nem a forma como a Presidenta da República governa, mas defender a legalidade e a legitimidade das instituições do nosso país.

Por outro lado, defendemos o cumprimento do Regimento da Câmara dos Deputados e da Constituição Federal, ambos instrumentos com fartos elementos que justificam a cassação do mandato de Eduardo Cunha. Caso contrário, toda a classe política e as instituições brasileiras estarão desmoralizadas, por manter no exercício do poder um tirano que utiliza seu cargo de forma irresponsável para manutenção dos seus interesses pessoais. Apelamos às e aos parlamentares, ao Ministério Público e ao Supremo Tribunal Federal, autoridades cuidadoras da sanidade da política e da salvaguarda da ordem democrática num Estado de Direito, sem a qual mergulharíamos num caos com consequências políticas imprevisíveis. O Brasil clama pela atuação corajosa e decidida de Vossas Excelências.

Não aceitamos rompimento democrático! Não aceitamos o golpe! Não aceitamos Cunha na presidência da Câmara dos Deputados!

MEU BRASIL BRASILEIRO: GRANDEZAS E MISÉRIAS

Da Casa Grande à Senzala



MAPA É TUDO - 19 de julho de 2014

Estados brasileiros nomeados como países de área similar

Top 10 rotas para fazer no Brasil

Para te ajudar a desbravar o Brasil, 10 rotas com paisagens selvagens, praias exuberantes e vilarejos e cidades que são apaixonantes!

SKYSCANNER.COM.BR

INTÉRPRETES DO BRASIL



WWW.INTERPRETESDOBASIL.ORG

"Enciclopédia de brasilidade - Cesar Benjamin

<http://www.contrapontoeditora.com.br/.../200711011651590.Cert...>

...

Nós, os brasileiros – Paulo Timm – Coletânea

[http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_\(2\).pdf](http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_(2).pdf)

Sociologia brasileira: 11 seminários, entrevistas e documentários pra você entender os maiores...

De que é feita a sociologia brasileira? Qual seu tutano? Clique aqui e veja entrevistas, documentários e seminários sobre a sociologia do nosso país.

COLUNASTORTAS.WORDPRESS.COM

O pensamento estratégico de Francisco Adolfo de Varnhagen, por Paulo Roberto de Almeida

A data de 17 de fevereiro de 2016 marca o ducentésimo aniversário do nascimento do...

MUNDORAMA.NET

Sobre José Bonifácio, os “Pais Fundadores” dos EUA, Joaquin Nabuco, Rui Barbosa e Adam Smith

<https://marcosfernandeseconomicandsandpolitics.wordpress.com/2016/02/18/sobre-jose-bonifacio-os-pais-fundadores-dos-eua-joaquin-nabuco-rui-barbosa-e-adam-smith/>

José Bonifácio, Rui Barbosa, Nabuco e Adam Smith (Teoria dos sentimentos Morais) deveriam ser leituras obrigatórias nas escolas.

O Andradá é mais avançado que os pais fundadores dos EUA, incrível. Kenneth Maxwell republicou um [artigo](#) dele sobre o Brasil e sua peculiaridade onde isso fica claro, mas Jorge Caldeira em seu [livro sobre JB deixa isso bem claro](#).

TV CAMARA - Construtores do Brasil

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/programa/49-CONSTRUTORES-DO-BRASIL.html>

O programa mostra a biografia de 25 personalidades que tiveram papel predominante na formação política, histórica e geográfica do Brasil.

MÁXIMAS E MÍNIMAS

Um por todos , todos por um x Cada um por si, Deus por todos...

A evolução cultural pode ser designada...como a luta vital da espécie humana. É esse combate de gigantes que nossas babás querem amortecer com a “canção de ninar falando do céu”.

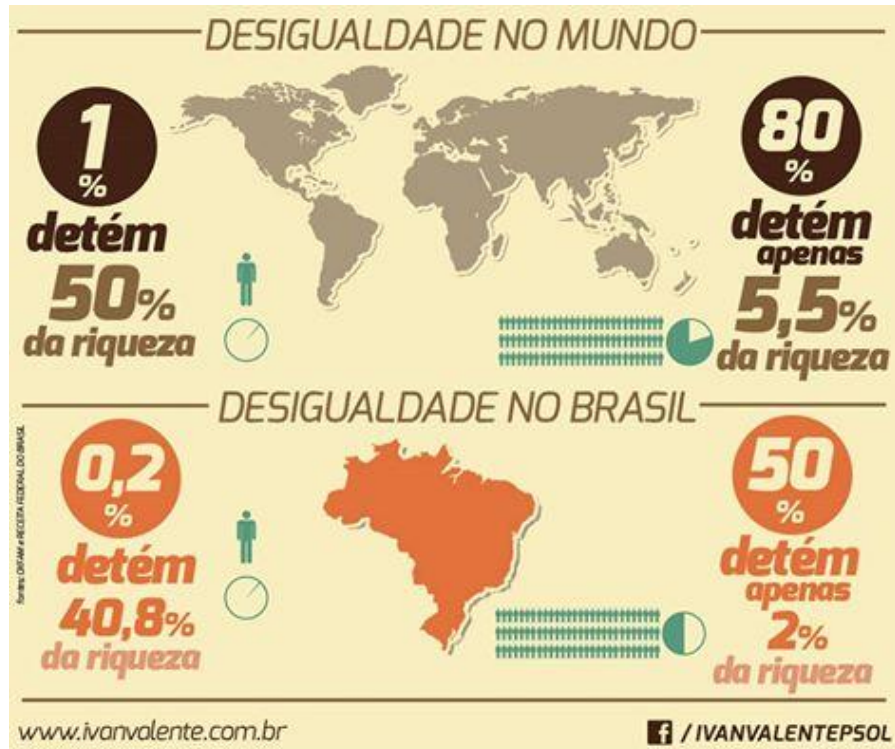
S. Freud – O mal estar da civilização – Cia. Das Letras (1930-1936) pg. 91

IMAGENS REVOLUCIONÁRIAS

Nada tenho a dizer, só a mostrar – W.Benjamin

http://www.facebook.com/ImagensRevolucionarias?directed_target_id=0 -

Adão Iturrusgarai - Cartuns - <http://www.amazon.com/dp/B019BAYNGQ>



NAVEGAR É PRECISO: Pero cuide que no naufrague tu vivir...

MUNDO MUNDO, VASTO MUNDO...



Tempo comprado – A crise adiada do capitalismo democrático

Wolfgang Streeck (2013)

Publicado originalmente na Alemanha, em 2013, e rapidamente traduzido para português, este é um notável livro de “macrossociologia” ou de “economia política”, enquanto história racionalizada da evolução do capitalismo nos últimos quarenta anos. O sociólogo alemão Wolfgang Streeck, diretor do prestigiado Instituto Max Planck para o Estudo das Sociedades, em Colónia, desenvolve em livro as suas *Lições Adorno*, organizadas pelo Instituto de Estudos Sociais de Frankfurt em homenagem a um dos seus fundadores, Theodor Adorno. Entre outros temas, o livro analisa criticamente o destino de algumas das teses que, precisamente na esteira da Escola de Frankfurt, diagnosticaram, sobretudo entre os anos sessenta e setenta, a crise de legitimidade de uma economia capitalista avançada, supostamente domada por cima do ponto de vista técnico, mas ética e culturalmente contestada por baixo. Daí até à crítica à possibilidade de uma democracia pós-nacional com poder redistributivo na União Europeia, na atualidade, Streeck constrói um percurso organizado em três densas, mas claras lições – “da crise de legitimidade à crise orçamental”, “reforma neoliberal” e “neoliberalismo na Europa” –, enquadradas por uma introdução e conclusão substantivas.

O seu ponto de partida é a desvalorização e subestimação, em alguma teoria crítica, do papel crucial dos capitalistas e dos mercados, sobretudo financeiros, da base material do conflito social e das classes com as suas frações, lutas e alianças. Assim, os que desligam as supostas dinâmicas político-culturais e comunicacionais

das bases materiais dos capitalismos realmente existentes, que, pelo menos em última instância, lhes subjazem, cometem erros intelectuais e políticos custosos. Neste contexto, Streeck defende a validade de um projeto intelectual realista, baseado em pressupostos inspirados na economia política marxista, mas também em tradições intelectuais que com ela dialogaram, como o institucionalismo crítico de Karl Polanyi: “Elaborar uma teoria macrosociológica da crise [financeira e orçamental das democracias capitalistas ricas] e uma teoria social da democracia sem referência à economia enquanto atividade político-social tem de parecer absolutamente errado, tal como o pareceria qualquer concepção de economia na política e sociedade que ignorasse a sua organização capitalista atual” (p. 20). Confirma-se que, para estudar o capitalismo e as suas configurações histórico-espaciais concretas, é preciso transgredir as barreiras disciplinares, já que no seio das abordagens mais disciplinadas, o capitalismo se tornou num objeto que tende a primar pela ausência, quer seja por razões metodológicas, quer seja por razões de policiamento e de conveniência político-ideológica.

Pelo contrário, neste livro as forças sociais que suportaram e suportam o capitalismo, em geral, e as que suportaram e suportam a sua declinação neoliberal, emergente a partir da década de setenta, em particular, têm primazia na análise. É assim dada especial atenção aos recursos institucionais, económico-financeiros, políticos e ideológicos mobilizados para, em capitalismos com democracias cada vez mais limitadas, se conseguir um necessário consenso, mais ou menos passivo, mais ou menos ativo, das classes sociais subalternas. Este consenso era tanto mais indispensável quanto as classes subalternas tinham conseguido no pós-guerra ganhos relevantes, traduzidos numa certa incrustação social-democrata de um capitalismo obrigado a concessões relevantes no campo regulatório e redistributivo, implicando processos combinados de desglobalização e

de desmercadorização, entretanto largamente revertidos. É também sobre essa reversão e regressão e sobre as suas contradições que este livro se debruça, sendo que a expressão “tempo comprado” revela o fio condutor da resposta a uma das questões sociais mais difíceis do ponto de vista intelectual e político: como é que as classes subalternas aceitaram o capitalismo transformado pela neoliberalização, com o seu cortejo de desemprego, fragilização, ainda que lenta, dos Estados sociais, sobretudo na sua dimensão de provisão pública de bens e serviços sociais e de regulamentação das relações laborais, e consequente aumento generalizado das desigualdades de rendimento e de riqueza?

Assim, e para lá da análise de alguns dos mecanismos disciplinadores clássicos, de que as frações dominantes do capital lançaram mão ou de que se aproveitaram para contrariar e reverter a sua perda de poder e de lucros, visível de forma dramática nos anos setenta, – do desemprego elevado, que fragiliza a ação coletiva dos trabalhadores, à multiplicação de hipóteses de fuga e de “greve de investimento” por via da construção da globalização –, Streeck indica-nos outros mecanismos assentes na “compra” da lealdade de frações da classe operária e das classes intermédias em muitos países desenvolvidos, contendo o conflito social latente. Estes mecanismos de integração assentaram mais concretamente na “compra de tempo” porque passaram pela mobilização sem precedentes da “instituição misteriosa da modernidade capitalista”, o dinheiro. Significa isto que foi sobretudo por via do acesso ao consumo a crédito que amplos segmentos das massas acabaram por aceitar transformações regressivas, como foi também por via do acesso ao crédito que os Estados as geriram. O tratamento da moeda, do crédito, de resto breve, é o ponto menos conseguido do livro. Este parece partilhar um diagnóstico equivocado, segundo o qual a inflação elevada teria

tendencialmente origens monetárias, isto é, proveniência nas ações dos bancos centrais.

Streeck constrói uma cronologia, por referência inicial mais ou menos explícita aos desenvolvimentos da economia norte-americana, com algumas adaptações às economias europeias centrais, onde o processo de financeirização teria assentado, inicialmente, em políticas monetárias geradoras de inflação elevada, de resto rapidamente trocadas, no final dos anos setenta, por políticas ortodoxas centradas no combate à inflação. Seguiu-se o aumento da dívida pública que foi, nos anos oitenta, essencial para a expansão dos mercados financeiros cada vez mais liberalizados em contexto de desaceleração do crescimento e, fundamentalmente, na dívida privada a partir daí. Streeck estaria em terreno mais sólido se tivesse retirado o processo inflacionário desta história, dado que este ocorre num período anterior à financeirização, que teve nas políticas de combate à inflação um dos seus motores. A financeirização é o processo material a que o neoliberalismo dá cobertura ideológica. O capital, sobretudo na sua forma financeira, tem horror à inflação, que reduz os seus rendimentos e beneficia os devedores.

Seja como for, o processo político de aumento do peso do setor financeiro inseriu os Estados e amplos segmentos da população nos circuitos dos mercados financeiros, mascarando problemas de procura, alimentando uma cada vez mais agressiva e atomizada sociedade de consumo e de endividamento, por um lado, e incrementando a participação de segmentos politicamente relevantes da população na especulação e no rentismo financeiros, por outro, sendo estas camadas que detêm mais voz política num contexto de apatia e descrença política generalizadas entre as classes populares. Estes processos de financeirização e de mercadorização erodiram identidades políticas e sociais contra-hegemónicas e deram “cobertura política” para uma transição estrutural que assentou na

“desdemocratização do capitalismo através da deseconomização da democracia” (p. 30). Isto quer dizer que a reconfiguração dos Estados operada pelo neoliberalismo assentou num progressivo bloqueamento da capacidade democrática para moldar o curso das economias. No fundo, o “povo do Estado”, aquele que depende do acervo dos direitos e serviços sociais, tornou-se cada vez mais impotente perante o “povo dos mercados”, isto para usar uma útil dicotomia forjada por Streeck. Esta complementa a clássica trilogia da “saída, voz e lealdade” do economista político Albert Hirschman. A impotência democrática foi também o resultado de um lento mas eficaz processo de mudança institucional – da tal expansão dos mercados financeiros à entrega da condução da política monetária a bancos centrais ditos independentes e que não respondem perante a democracia, passando por um Estado fiscal cada vez mais regressivo, até porque com cada vez menos condições institucionais e político-ideológicas para taxar a finança e os altos rendimentos.

Neste quadro estrutural, a crise de 2007-08 veio revelar como os processos e mecanismos atrás referidos contiveram, na dupla aceção da palavra, a crise de um capitalismo cada vez mais divorciado da democracia. Aqui chegados, Streeck coloca-nos em melhores condições não só para compreender a longa gestação da atual crise, mas sobretudo para nos mostrar como o reforço da lógica neoliberal que a acompanha não deve surpreender ninguém, dado o lastro político e institucional com múltiplas escalas, nacional e supranacional, que o bloco social neoliberal, o tal “povo dos mercados”, acumulou. Uma das expressões deste lastro é precisamente o “Estado endividado”, fruto da perda de poderes fiscais, da capacidade da finança para socializar os custos da crise ou da interdependência entre dívida privada e dívida pública, num contexto em que o esforço descoordenado dos privados para reduzir a sua dívida provoca, por via da crise de procura, rombos nas

finanças públicas. Streeck indica-nos de forma competente que é a fraqueza seletiva dos Estados, e não qualquer disfunção democrática traduzida numa suposta inflação de exigências sociais, que explica estruturalmente parte dos atuais níveis de endividamento público em muitos países.

Crucialmente, a política do endividamento, com escala internacional, tem tradução numa opaca diplomacia financeira, onde se cruzam instituições internacionais, frações do capital que operam nessa escala e Estados com distintas posições, credoras e devedoras, dada a lógica do chamado desenvolvimento desigual e combinado, reeditada pelo capitalismo neoliberal. O endividamento internacional constitui um mecanismo poderoso de afirmação de formas de exercício de autoridade política pós-democráticas, dado que o “povo do Estado” democrático não consegue operar numa escala dotada de um forte viés neoliberal.

Streeck conduz-nos, então, na sua terceira e última lição, a um dos centros mais concretos da crise do casamento do capitalismo com a democracia, com a voz popular: a União Europeia, em geral, e a Zona Euro, em particular. Este capítulo contém uma das mais lúcidas análises sobre a natureza da integração europeia disponíveis em português, expondo de forma clara a sua natureza irremediavelmente neoliberal e pós-democrática e os mecanismos que sustentam todas as ilusões europeístas, ainda tão influentes entre as elites intelectuais, políticas e económicas, em especial nesta periferia europeia.

Beneficiando do intenso trabalho coletivo de investigação do Instituto que dirige sobre este tema, Streeck começa por mobilizar a história das ideias, em particular as teses federalistas neoliberais de Friedrich Hayek, um dos pensadores do fundamentalismo de mercado e de uma “democracia limitada” no século xx. A apresentação das teses de

Hayek serve para nos mostrar como a União Europeia é a expressão institucional mais acabada do neoliberalismo enquanto projeto de construção e expansão da disciplina de mercado, suportado por instituições sem escrutínio democrático – do Tribunal de Justiça Europeu ao Banco Central Europeu – e por regras do jogo que criam um colete-de-forças, o que apoda de “Estado de consolidação”, que prende os Estados-nação e logo as democracias realmente existentes à austeridade permanente e a reformas estruturais de matriz neoliberal continuadas. A escala europeia é a escala política das frações mais extrovertidas do capital, dos credores, e as suas instituições estão bem calibradas para consolidar o poder do “povo dos mercados” sobre as classes populares.

Sem financiamento monetário por parte dos seus bancos centrais, que reduza a dependência dos Estados face aos mercados financeiros; sem controlos de capitais, que reduzam a chantagem do capital que pode facilmente sair; e, ponto a que Streeck dá primacial importância, sem a possibilidade de desvalorizar a moeda, isto é, sem política cambial, tida como “uma espinha cravada na garganta do totalitarismo de um mercado único” (p. 265), as comunidades políticas nacionais, onde muitos cidadãos ainda sentem justificadamente que há um destino comum, ficam desprovidas das bases materiais de que é feita a soberania democrática. A desvalorização cambial é uma espinha cravada, até porque, na sua ausência, os ajustamentos fazem-se pela “desvalorização interna”, ou seja, pela queda dos salários diretos e indiretos (as prestações sociais), um processo muito mais socialmente injusto e economicamente destrutivo.

Como Streeck enfatiza, isto não é um destino inexorável, fruto de inefáveis lógicas globais, mas sim o resultado de uma perversa construção política contra as nações, contra os povos, contra a democracia. A severidade socioeconómica deste processo é

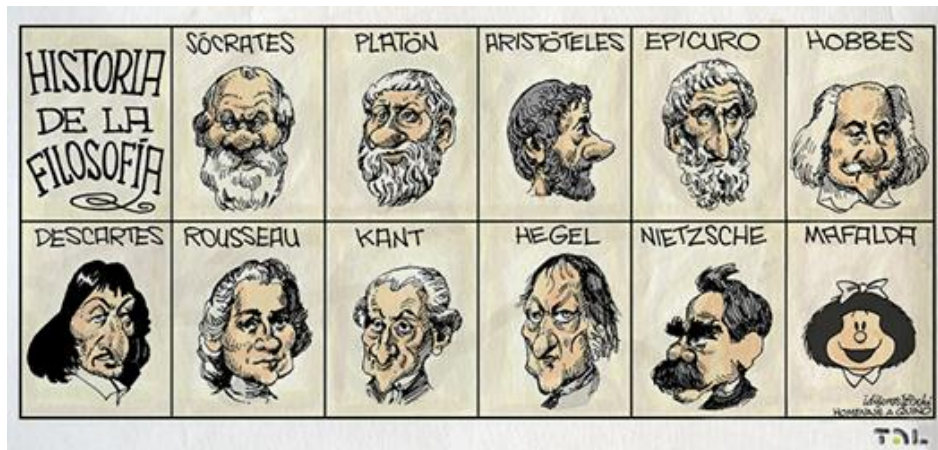
particularmente sentida hoje nas periferias europeias, estruturalmente prejudicadas por uma moeda forte e sem poder beneficiar de transferências significativas, dado o peso residual do orçamento europeu. De qualquer forma, Streeck é muito claro sobre as razões para a inexistência de uma União Europeia com orçamento redistributivo digno desse nome, em que as regiões ricas financiariam maciçamente as regiões pobres, aguentando-as à tona. Com efeito, a Europa não é um Estado e não o será, até porque os povos não o desejam, o que significa que o federalismo só pode ser furtivo, clientelar e perverso, incapaz de mobilizar lealdades populares. E, mesmo que os povos o desejassem, seria mais do que duvidoso que as transferências pudessem substituir com o mesmo sucesso a mobilização de instrumentos de política à escala nacional. Mas, infelizmente, como Streeck sublinha, nada nos diz que as alianças sociais que sustentam o Euro, e que na periferia incluem elites extrovertidas, as que gostam de moeda forte para viajar e importar bens de consumo mais ou menos conspícuos, não consigam manter um projeto que se aproxima cada vez mais de uma “operacionalização do modelo social hayekiano [anti-social-democrata] da ditadura de uma economia de mercado capitalista acima de qualquer correção democrática” (p. 252).

Embora opte por um forte pessimismo da inteligência e defenda que um cientista social não tem necessariamente de fornecer alternativas, até porque estas podem bem não existir, Streeck, num vislumbre de otimismo da vontade, para usar a distinção gramsciana, não deixa de depositar esperanças numa ainda demasiado vaga resistência dos povos a esta ditadura dos mercados. Esta terá de passar por uma desobediência dos devedores, implicando, entre outras medidas, o incumprimento da dívida e o desmantelamento do Euro. Isto se se quiser salvar a cooperação europeia e as democracias nacionais. A redescoberta europeia do espírito de Bretton-Woods, dos arranjos

monetários flexíveis, articulando cooperação internacional e soberania nacional no campo monetário e financeiro, é uma das suas propostas.

O ceticismo, fundado em boas razões, face a uma moeda que está a matar a Europa só pode ser social e democrata, só pode ser socialista. Se mais nenhum mérito tivesse, e tem muitos outros, este livro dá um corajoso contributo para inscrever esta perspetiva no debate público e na luta política, para dar voz aos “povos dos Estados”.

LIVRE PENSAR: Só de pensar



Filosofia em vídeo: <http://filosofiaemvideo.com.br/>

OPINIÃO

*Adriano Benayon * – 03.2016*

Grande parte do povo brasileiro precisa livrar-se dos antolhos que o fazem enxergar somente o que lhes mostra a televisão e as revistas de “opinião” da grande mídia. Há também a visão monocular, que priva do sentido de profundidade.

2. Falo dos instrumentos limitantes da visão política, econômica e estratégica: a secular doutrinação ideológica e a massiva desinformação, por parte da mídia movida a dinheiro e dos que a retroalimentam.
3. Não desminto a responsabilidade da atual chefe do Executivo, nem a do ex-presidente Lula, em alguns dos fatos que têm sido difundidos e magnificados pelos mentores do processo de desestabilização daquela e de desmoralização deste.

4. Entretanto, não se deve ignorar que esse processo é patrocinado e teleguiado do exterior, e que seu objetivo está longe de ser o bem do País.
Muito pelo contrário.

5. Ele ganha corpo, desde o mensalão, julgado no STF em 2012, e as manifestações de 2013, para as quais foram divulgados os abusos nas despesas superfaturadas e desnecessárias da construção de estádios e realização de obras para a Copa do Mundo de 2014.

6. Há corrupção em tudo isso, como também nas relações das empresas de engenharia com a Petrobrás. Mas isso ocorreu, em dimensões até maiores, em administrações do PSDB e outras, sem que fosse deblaterado pela mesma mídia que vergasta os petistas. Mais grave, ainda: sem que sofra repressão do Ministério Público, da Polícia Federal ou do Judiciário.

7. Exemplos de conduta condenável são as propinas de FHC para obter o apoio de deputados à emenda da reeleição, o mensalão mineiro do ex-governador Azeredo, o escandaloso superfaturamento de obras praticado por administrações do PSDB em São Paulo, como no anel rodoviário e no metrô. Não menos gritantes, os negócios escusos com a Petrobrás durante o governo FHC, o mais deletério que o País já teve.

8. Também as calamitosas negociatas do BANESTADO, em que foram desviados U\$ 150 bilhões ao exterior, nos anos 90, viabilizadas por regulamentação das contas CC5, pelo próprio Banco Central.

9. Veja-se a acusação das procuradoras Valquíria Nunes e Raquel Branquinho, ajuizada em dezembro de 2003:
(<http://www.oficinainforma.com.br/textos/acaocivil.rtf>) em que pedem a condenação por crime de improbidade administrativa de Gustavo Loyola, Gustavo Franco, Ricardo Sérgio de Oliveira e mais 12 ex-dirigentes do Banco Central e de mais cinco bancos.

10. Que dizer das privatizações lesivas ao patrimônio público (dezenas de trilhões de dólares), cujas ilegalidades as fizeram ser impugnadas por decisões

judiciais, cassadas em liminares injustificáveis, até hoje pendentes de julgamento?

11. Passando a coisas recentes, por que Eduardo Cunha permanece presidente da Câmara, embora acusado, com provas, de delitos gravíssimos, pelo procurador-geral da República?

12. Por que a grande mídia noticia tão pouco e distorce o que acontece na Operação Zelotes, a qual envolve sonegação de impostos de R\$ 600 bilhões? Será porque estão envolvidos Cunha e outros figurões, além de grande empresa midiática e concentradores econômicos?

13. Em suma, por que tão espantosa e inexplicável diferença de tratamento por parte da grande mídia, do MP, da PF e de instâncias judiciárias ?

14. A resposta parecer ser que o regime tem regra constitucional não-escrita, que dá liberdade de saquear e imunidade penal aos que prejudicam o interesse nacional.

15. Outra regra diz: será perseguido aquele que, mesmo fazendo enormes concessões contrárias ao País, o favoreça em algum aspecto. Daí provém o assédio sobre Lula. Não adianta jogar carne às feras: o apetite delas não diminui: muito pelo contrário.

16. O império, mesmo quando já obtém mais de 90% do que deseja, quer 100%. Além disso, não admite qualquer governante ou partido que se pretenda manter, por decênios, à frente do Executivo. Até Collor, que entregou tudo, foi deposto, porque almejava perpetuar-se, mercê de dinheiro e da compra de uma rede nacional de TV.

17. Em artigo de 15.03.2016 – A Lavajato quer tirar Brasil do BRICS e CELAC – Beto Almeida observa que os governos petistas retomaram políticas valiosas para a economia e a defesa nacionais, que remontam a medidas do presidente Geisel (1974-1978): apoio às empresas de engenharia nacionais, que – graças

ao poder de compra de Petrobrás – desenvolveram capacidade competitiva em obras no exterior.

18. Recorde-se Henry Kissinger: “Não podemos tolerar o surgimento de um novo Japão no Hemisfério Ocidental.” O império assegurou seu objetivo, desde agosto de 1954, fazendo o Brasil entregar, com subsídios, às empresas transnacionais o grosso dos mercados da indústria, iniciando a desnacionalização da economia brasileira.

19. Atualmente, com a Lavajato, o império anglo-americano faz demolir as empresas nacionais que sobreviveram à inviabilização, pela política econômica, de atividades de elevado valor agregado.

—

* – Adriano Benayon é doutor em Economia, pela Universidade de Hamburgo, Alemanha; autor de Globalização versus Desenvolvimento.

NERVO EXPOSTO: Kill Bill



Todos somos intolerantes

<http://www.sul21.com.br/jornal/todos-somos-intolerantes/>



Por Eduardo Mendes Ribeiro¹ - 29/mar/2016, 7h00min

Em 11 de janeiro, David Coimbra escreveu uma coluna com o provocativo título “Viva a intolerância”. Sei bem que ele estava valorizando os posicionamentos críticos e a indignação frente ao que lhe parece ser lesivo aos interesses de nossa sociedade. Entretanto, ler esta valorização da intolerância, em negrito, no alto de uma das colunas mais lidas do principal jornal do estado, me provocou uma sensação de mal-estar e me levou a algumas reflexões que compartilhei com o próprio David, e que agora assumem esta forma de texto.

Ser intolerante é fácil, pois já nascemos assim: quando bebês, chorávamos e gritávamos cada vez que sentíamos frio ou fome, quando crianças e adolescentes reclamávamos de tudo que não era como gostaríamos que fosse, e certamente há adultos que mantêm esta mesma posição. Um chamado à intolerância, portanto, parece desnecessário e pode prejudicar a já difícil busca por uma maior solidariedade no enfrentamento de nossos problemas.

Todo psicanalista sabe que o ponto de partida para qualquer processo de mudança é a queixa. Só quando estamos incomodados com alguma coisa (às vezes é preciso estar muito incomodado), é que vamos procurar uma forma de mudar esta situação. As formas podem ser as mais diversas, como recorrer à religião, às diferentes modalidades de terapia, à medicação, etc. O que vai fazer a diferença entre estas escolhas é o quanto vamos nos manter em uma posição infantil, esperando que algo ou alguém resolva nossos problemas, e o quanto vamos ser capazes de nos responsabilizar, tanto pela nossa participação (ou omissão) no processo que conduziu a este mal-estar, quanto pelas mudanças que desejamos.

Transpondo esta tensão subjetiva experimentada em alguma medida por cada um de nós para o âmbito de uma queixa, digamos, “social”, é inevitável que a busca por soluções fique ainda mais difícil de ser equacionada, afinal, nem todos temos as mesmas insatisfações, nem as mesmas crenças e valores, e, muito menos as mesmas estratégias para lidar com os problemas.

Atualmente, são recorrentes as queixas relativas à agressividade das discussões mantidas nas redes sociais. Opiniões e posições diferentes costumam ser denunciadas e combatidas, às vezes com violência. Por outro lado, chamou a atenção, nas grandes manifestações de rua dos últimos anos, a convivência pacífica entre manifestantes com reivindicações absolutamente díspares, e muitas vezes, contraditórias (a maior parte dos conflitos se deu entre os manifestantes e a polícia). É como se se produzisse uma irmandade na queixa, como estratégia para contornar as diferenças que nos afastariam. O problema é que, em algum momento, estas diferenças vão aparecer, e vamos ter que lidar com elas. E é nestes momentos que costuma se manifestar a intolerância.

É muito mais difícil aprender a conviver e aceitar diferentes formas de pensar e de viver, e, de forma solidária, produzir algo de “comum”, que oriente e sustente nosso laço social, do que se irmanar na queixa e “exigir”, aos modos de uma tirania infantil, que acabem com nosso mal-estar. “Felicidade já!!”

O caminho rumo à superação da intolerância, entendida como intolerância à frustração, inicia quando nascemos e não termina nunca. Resquícios destas queixas infantis se manifestam, por exemplo, quando responsabilizamos alguém (podem ser os pais, o governo, Deus, tanto faz...) pelos nossos mal-estares, em vez de nos implicar na construção de alternativas outras, que não seja apenas a substituição dos “culpados” por nossa situação.

Neste sentido, me parece constituir um equívoco listar os insucessos, e mesmo os atos ilícitos, cometidos no âmbito de um governo como argumento para deslegitima-lo. É evidente que os autores de atos ilícitos devem ser punidos, e que as incompetências dos governos devem ser apontadas, mas se isto for suficiente para depor um governo, nenhum governo resistirá ao primeiro ano de mandato. Não se trata de aceitar uma tradição de corrupção e incompetência, mas, pelo contrário, de reconhecer que as condições que possibilitaram esta situação não são de responsabilidade de meia dúzia de governantes e empresários gananciosos e perversos, e, sim, de um sistema e de uma cultura política construída através de décadas.

Quando estes conluíus se ampliam, se tornam públicos e seus participantes passam a ser responsabilizados e punidos (esta é a boa notícia), é compreensível que a indignação tome conta de todos nós, mas que isto não nos faça acreditar que todos nossos problemas se originaram do encontro entre capitalistas inescrupulosos que só visam o lucro, com políticos igualmente inescrupulosos, que pretendem se manter no poder.

Ora, em uma democracia liberal não há nada de ilícito ou condenável no fato de empresários almejam lucros, ou de políticos e partidos desejarem ganhar eleições. De fato, chega a ser surpreendente a denúncia de que tal governo desenvolveu estratégias para se perpetuar no poder, como se algum governo, em qualquer país do mundo, alguma vez, decidiu abdicar do poder em prol de uma “saúdável rotatividade de governos”.

Certamente não é isto que nos causa inquietação, mas, sim, a ausência de um projeto de sociedade com o qual possamos nos identificar e, é claro, a necessidade de continuar coibindo e condenando os delitos praticados no âmbito de qualquer governo. Mas, se há algo de que podemos nos orgulhar nos últimos anos, é do fato de a impunidade dos poderosos ter diminuído neste país.

Em vez de valorizar a intolerância a partir de um rol de queixas e denúncias, seria melhor produzir um debate maduro e responsável a respeito dos descaminhos que experimentamos, mas também dos ideais que podemos vir a compartilhar.

.oOo.

1 *Psicanalista, membro da APPOA*

INTOLERÂNCIA EM MARCHA FORÇADA

Paulo Timm – Especial para A FOLHA, março, 31.

“Os Justos”

Jorge Luis Borges

*Um homem que cultiva o seu jardim, como queria Voltaire.
O que agradece que na terra haja música.
O que descobre com prazer uma etimologia.
Dois empregados que num café do Sul jogam um xadrez silencioso.
O ceramista que premedita uma cor e uma forma.
O tipógrafo que compõe bem esta página, que talvez não lhe agrade.
Uma mulher e um homem que leem os tercetos finais de certo canto.
O que acarinha um animal adormecido.
O que justifica ou quer justificar um mal que lhe fizeram.
O que agradece que na terra haja Stevenson.
O que prefere que os outros tenham razão.
Essas pessoas, que se ignoram, estão a salvar o mundo.*

“Os bandos errantes de sapiens contadores de histórias foram a força mais importante e mais destruidora que o reino animal já produziu”

Yuval N. Harari in SAPIENS, Ed. LPM, POA, 2015 pg. 72

*

O céu não talha apenas a bondade sobre seus diletos filhos, mas também a marca de Caim. Nascemos e vivemos perseguidos por essa contradição: a eterna luta entre o bem e mal. Até na incerta hora da morte cristã ela nos dá um destino: Se formos bons, pelo exercício da virtude, que fundamenta a ética humana, ascendemos ao Paraíso; se sucumbirmos ao mal, no caminho do vício, descemos ao Inferno. Para melhor discernir melhor estes caminhos o Criador teria nos dado o Verbo, isto é, a razão, que se imprime indelével como consciência. Aí estaria a principal fonte da energia psíquica capaz de se impor, com o apoio da intuição apontada para o infinito, como ardente autoridade moral na vida de cada um.

Os antigos, antes mesmo da vinda de Cristo, já sabiam disso. Os gregos, por exemplo, imprimiram essas preocupações numa disciplina que viria mudar o

mundo: a Filosofia. O que é a Filosofia? Uma razão que se expressa, através de rigorosos conceitos, com o objetivo de dar conta das questões que atormentam o Homem em cada tempo. E o que é este tormento? Nada mais do que a consciência da miséria humana.. Uma miséria na relação com a natureza, que nos retém no Reino da Necessidade e que tentamos superar com o desenvolvimento da tecnologia. Uma miséria do corpo, que se degrada à morte, sobre o qual debruçamos a esperança do elixir da longa vida. Uma miséria, pior que as duas anteriores, da alma, ou psique, que procuramos distrair com gratificações substitutivas, senão diretamente narcotizantes: as drogas. Miséria tanto capaz de nos levar à sublimação absoluta na ideia de Deus, como ao niilismo total diante da contemplação do seu cadáver insepulto

“Deus está morto”, que consta na *Gaia Ciência*, aforismo 125:

Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas. Quem nos limpará desse sangue? Qual a água que nos lavará? Que solenidades de desagravo, que jogos sagrados haveremos de inventar? A grandiosidade deste acto não será demasiada para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses, para parecermos apenas dignos dele? Nunca existiu acto mais grandioso, e, quem quer que nasça depois de nós, passará a fazer parte, mercê deste acto, de uma história superior a toda a história até hoje!

Gustavo Magnani - Nietzsche, o assassino de Deus? 16/04/2012

<http://literatortura.com/2012/04/nietzsche-o-assassino-de-deus/>

Mas o Verbo como consciência não existe sem a palavra, pois é ela que traduz o real às percepções. Enquanto ela subsiste, ela sustenta o diálogo sobre o nome das coisas, dos homens, sua origem e destino. Mas é ela própria ambígua, visto haver o justo e o injusto em todo o discurso e ambos serem igualmente justificáveis, à luz da ficção do orador. Quantos justos para um bom orador? Quantos oradores para uma imagem televisionada em cadeia nacional...? Mas o mundo é complexo. Dividido. Renitente. Viver nesse mundo é muito perigoso. Nem sempre a “cola mítica” do discurso subsiste. E quando a palavra corta e sobrevém o gesto, entra em cena a mímica do ódio. Entre o justo e gesto: a violência. A guerra.

Diderot percebeu o caráter sutil dessas relações que tanto a pintura como a poesia mantêm com o mundo ardente e com o fogo do trabalho criativo. “E o desenho que dá forma aos seres, diz ele, em seus Ensaios sobre a Pintura, mas “cabe a cor dar-lhes vida. Eis o sopro divino que as anima. Quando o pensamento não-verbal, através da cor, une a teoria da linguagem ao trabalho

criativo estamos diante de um mestre da pintura. Ocorre o mesmo com a literatura: “cem lógicos frios para um grande orador” dizia Diderot, e dez grandes oradores para um poeta sublime”.

(Victor Leonardi in “Jazz em Jerusalém” Ed. Nankin n. 252 – 1370)

No mundo moderno vários autores se debruçaram na investigação sobre estas questões na natureza humana. Não há consenso. Dois autores se destacam por destacar as tensões sobre o homem do advento das sociedades industriais: Rousseau e Freud.

Para J. Jaques Rousseau (1712-1778), no século XVIII, patrono, aliás, do igualitarismo moral contemporâneo, o homem era naturalmente bom, vindo a corromper-se pela sociedade: “o ferro e o trigo que civilizaram os homens e (...) puseram a perder o gênero humano.” (“Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” Ed. LP&M – 1ª Ed. 2008 p89). Daí a consagração do mito do bom selvagem, distorcido, depois aos conceitos equivalentes em termos de classe (proletariado), raça (ariana), ou nação (destino manifesto) . Com o recurso da utopia reconstruiríamos no futuro um mundo melhor.

No balanço autobiográfico das Confissões, Rousseau relata que, em 1753, ao tomar conhecimento do programa lançado pela Academia de Dijon propondo um prêmio a quem melhor respondesse à questão sobre “qual a fonte da desigualdade entre homens e se ela é autorizada pela lei natural”¹, sentiu-se perplexo, tocado pela grandeza da questão, bem como pela ousadia da instituição que publicamente a lançara. E imediatamente acrescentou: “mas já que ela tivera essa coragem, eu bem podia ter a de discuti-la, e pus-me à obra”². Foi dessa disposição que resultou sem tardança a redação do Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, conhecido como o Segundo discurso,³ o qual, concluído em junho de 1754, foi publicado no ano seguinte, por Marc-Michel Rey, livreiro e editor em Amsterdã.

(João Carlos Brum Torres - Introdução ao “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” Ed. LP&M – 1ª Ed. 2008)



Para Sigmund Freud, no século XX, quem mergulhou nas profundezas da mitologia antiga nesta tentativa, o homem era “mau”, um sobrevivente na luta titânica que “nossas babás tentam amortecer com a “canção de ninar falando do céu...”. O tacape, não a lira, teria esculpido a cultura, inevitavelmente repressiva. Ele sucumbiu, enfim, ao pessimismo, vendo na agressividade, derivada do que hoje chamamos gene egoísta, um traço inelutável do primitivo imperecível. Mas apostou na lira, não do destino, nem do Verbo aprisionado, para a salvação. Nem há grande novidade nisso. Platão já advertia que o homem é um brigão. Homo pugnax. Mas idealista. E Hobbes, o grande teórico do Estado Moderno, século XVII, também falava na necessidade do Estado como mediação da guerra de todos contra todos.

A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos(...) . Existem três desses recursos, talvez: Poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria, gratificações substantivas, que a diminuem, e substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível. É para as distrações que aponta Voltaire, ao terminar seu Cândido, com a sugestão de cada qual cultivar seu jardim; uma tal distração é também a atividade científica. As gratificações substitutivas, tal como a arte as oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental.

(Freud (1930-1936) – O Mal Estar na Civilização - Cia. das Letras pg. 28-29)

Rousseau, enfim, enfatizava a alma - âni~~ma~~_a - do homem, um atributo feminino, identificado com a virtude no caminho da salvação. Freud enaltecia o âni~~mo~~_o – animus -, este espírito belicoso da espécie, substantivamente masculino, como um pecado original.. O homem é o lobo do homem.

Assim, entre uma escatologia da paz e uma ontologia guerreira, foram se sucedendo autores tentando, ora compreender melhor a natureza humana, ora compatibilizar suas tendências opostas, ora formular prescrições substantivas para a convivência humana.

O QUE É ESCATOLOGIA?

a. Escatologia: doutrina bíblica que lida com as “últimas coisas” (do grego eschatos - “último”, logos - estudo).

i. Expressões bíblicas: “últimos dias” (Is 2.2; Mq 4.1), “últimos tempos” (1 Pe 1.20) e “última hora” (1 Jo 2.18).

- ii. Definição: estudos dos acontecimentos finais do plano de Deus para este mundo e a consumação do propósito de Deus.
- b. Profecia: “é a proclamação da vontade de Deus presente e futura” (Anders^[2]).
- c. Alfa e Ômega: Cristo é o princípio e o fim de todas as coisas.

[4] PREMISSAS ^[3]

- a. Houve um início e haverá um fim do atual sistema mundial.
- b. Desfecho da evangelização mundial.
- c. A justiça divina deve ser implantada; o Reino eterno de Jesus será estabelecido.
- d. É necessário iniciar-se o tempo eterno.
- e. A morte e o mal serão destruídos; o pecado e suas conseqüências terão fim.
- f. O bem triunfará.

(<http://www.ebdonline.com.br/cursos/escatologia1.htm>)

Karl Jung (1875-1961), por exemplo, procurou compatibilizar os conceitos de anima e animus como arquétipos do inconsciente coletivo da humanidade.

“Como relatei no post anterior, temos sempre uma atitude para com a sociedade em que se torna nossa máscara, como não podemos acreditar e aceitar tudo o que os outros dizem, mas ao mesmo tempo devemos aceitar os espinhos do outro, filogeneticamente acabamos por desenvolver o arquétipo da Persona. O arquétipo da Anima/Animus, se torna nossa atitude mais íntima.”

(Renato Santiago in

O Arquétipo da Anima/Animus - Post 22nd July 2009)

<http://psi-imaginacao.blogspot.com.br/2009/07/o-arquetipo-da-animaanimus.html>

Ernst Bloch (1885-1977) vai por outro caminho. Abandona a noção do homem consciente como fundamento da ontologia, substituindo-o pela de ser que ainda-não-é, com fundamento no princípio esperança, na visão de uma “Gênese do fim”.

“Elevando Jó à posição de figura epônima de uma humanidade que já entrou nessa idade (da dúvida, da solidão e da revolta), ele dá razão de direito ao protesto contra um sofrimento radicalmente inútil : que interdita toda reparação por um desígnio divino ou uma necessidade histórica e solicita mesmo o caminho de um êxodo fora do Deus da Justiça.(...mantendo) o horizonte de uma espera que é concebida como disponibilidade para a irrupção da claridade no obscuro, do dia na noite, do futuro no presente”

(Pierre Bouretz in Testemunhas do Futuro: Filosofia e Messianismo, Ed. Perspectiva – pg. 763/4)

Jorge Luiz Borges (1899-1986), mais admirador de Voltaire do que de Rousseau, autor do poema em epigrafe – “Os Justos” - 1561 –concluiu pela existência de uma quádrupla salvação : pela bondade, pela justiça, pela inteligência abstrata e pelo exercício da arte, aí incluída a poesia e demais artes da palavra escrita.

(Apud Victor Leonardi in “Jazz em Jerusalém” Ed. Nankin n. 252)

Essas questões vêm a propósito do acirramento dos “ânimos” nas últimas semanas. Por um momento pensou-se que o impeachment de Dilma seria capaz de trazer alguma calma ao país, devolvendo-o ao desenvolvimento. Mas houve - e se promete - uma reação ainda mais violenta de poderosas organizações sociais caso isso venha a ocorrer e que Michel Temer venha a ocupar a Presidência da República, com vistas à implantação de seu “Ponte para o futuro”, um programa de inspiração liberal que imporá medidas duras e restritivas à direitos sociais. A sociedade já sente na garganta o travo amargo do futuro. A própria Presidente transformou o Palácio do Planalto em tribuna de denúncia de um suposto golpe, com repercussões em vários escalões das altas cortes, da inteligência e até organismos internacionais. Isto está a evidenciar que 2016 não é 1992, quando Collor foi deposto com o aplauso de toda a nação. Agora há uma divisão profunda e ameaçadora, que aponta para o *Day After* como ante-sala de um período de desestabilizadores confrontos. Temer não terá o beneplácito que teve Itamar Franco, ao suceder Collor. Enfrentará o diabo por todos os lados. No fundo, estamos descobrindo que os brasileiros nada têm de cordiais. E podem, como na Síria, um dos berços da civilização e dos raros pontos de estabilidade no Oriente Médio até há muito pouco tempo, acabar transformando o que parecia uma simples transição política num cenário de macabras recordações . Muitos pensaram que, com o impeachment, o Brasil estaria soltando o “duende de Garcia Lorca”, um mágico espírito dos concertos, mas parece que ele está sendo batido pelo “Bebê de Rosemary”. Aos poucos vamos descobrindo que aquela imagem demoníaca que nos devorava no pesadelo éramos nós mesmos olhando-nos no espelho, como diz Lygia Fagundes Teles, nossa candidata ao Prêmio Nobel de Literatura: http://tvcultura.com.br/videos/51638_lygia-fagundes-telles-e-indicada-ao-premio-nobel-de-literatura.html

ARS GRATIA ARS

“A arte salvará o mundo” – Dostoievski - eis que da natureza do homem, como a natureza é a arte de Deus (Baylei)

ARTES POÉTICAS: “Se nem for terra/Se trans for mar...” – P.Leminski

Estatutos do Homem de Thiago de Melo

Estatutos do Homem (Acto Institucional Permanente)

Artº1º – Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida, e que de mãos dadas trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artº2º – Fica decretado que todos os dias da semana inclusive as terças-feiras mais cinzentas têm direito a converterem-se em manhãs de domingo.

Artº3º – Fica decretado que a partir deste instante haverá girassóis em todas as janelas e que os girassóis terão o direito de abrir-se dentro da sombra.

Artº4º – Fica decretado que o Homem não precisará mais de duvidar do Homem, que o Homem confiará no Homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

PARÁGRAFO ÚNICO – O Homem confiará no Homem como um menino confia noutro menino.

Artº5º – Fica decretado que os Homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura das palavras. O Homem sentar-se-á à mesa com o seu olhar limpo, porque a verdade passará a ser servida antes da

sobremesa.

Artº6º – Fica estabelecida, durante dez séculos a prática sonhada pelo profeta Isaías que o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de outrora.

Artº7º – Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade e a alegria será uma bandeira generosa que será sempre desfraldada na alma do povo.

Artº8º – Fica decretado que a maior dor sempre foi e será não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

Artº9º – Fica permitido que o pão de cada dia tenha no Homem o sinal do seu suor mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artº10 – Fica permitido a qualquer pessoa a qualquer hora da vida o uso do traje branco.

Artº11º – Fica decretado, por definição, que o Homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo do que a estrela da manhã.

Artº12º – Decreta-se que nada será obrigado nem proibido, tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma begónia na lapela.

Parágrafo único – Só uma coisa proibida: Amar sem Amor.

Artº13º – Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o Sol das manhãs vindouras, expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformar-se-á numa espada fraternal, para defender o direito de cantar a festa do dia que chegou.

Artigo Final – Fica proibido o uso da palavra Liberdade, a qual será

suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a Liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, ou como a semente de trigo e a sua morada será sempre no coração do Homem.

Santiago do Chile, Abril de 1964

Thiago de Mello

VIDEO

<HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/SAMUELBECKETTPAGE/VIDEOS/10152062297363131/?THEATER>



Café Filosófico - Orgulho nosso de cada dia, com Leandro Karnal

Recomendo aos orgulhosos de plantão a aos que fingem a si próprios que não o são:

"Um dia, o mais belo arcanjo, Lúcifer, disse eu ao invés de nós. surgiu o ser individual que se destacava da criação e buscava um lugar de consciência de si, onde antes só havia o coletivo da criação. iniciava-se a história. Na mitologia religiosa, o mensageiro do mal preside ao pecado original da soberba e da vaidade. O mundo contemporâneo rebatizou a soberba como autoestima e a necessidade de se amar acima de tudo, como repete o mantra de quase toda a literatura que vende felicidade em drágeas nas bancas dos aeroportos. a humildade, o recato e a modéstia passaram de virtudes a deficiências de lítio. o encontro trata do mais original e primordial de todos os pecados, o orgulho, capaz de seduzir a todos, especialmente aqueles que se consideram humílimos. de atributo maléfico, o orgulho virou parte do mundo burguês contemporâneo. a virtude/defeito erigiu estátuas, criou biografias e deleites pessoais. Perda da inocência/humildade original, resta o anseio pelo nós, rejeitado pelo pai da mentira, ou seja, pelo pai de todos nós. Filhos legítimos do individualismo orgulhoso, lutamos pela adoção de um mundo humilde e voltado ao outro, ou seja, o mundo oposto a todos nós. Apátridas, vagamos fixados na miragem do humilde modelo criado por nós, que insiste em estar além do espelho borgiano; parte deste aleph pode ser encontrado ao se destrinçar o fascinante mundo do orgulho.

Com Leandro Karnal: historiador, doutor em história social pela USP, professor da Unicamp e autor de diversos livros.

<https://www.youtube.com/watch?v=gnJny32sjAQ>

Orgulho nosso de cada dia, com Leandro Karnal (versão tv cultura)

YOUTUBE.COM

CINEMA

<http://www.adorocinema.com> - <http://cadernodecinema.com.br>

<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/83074/kill-bill-volume-2-2004-83074/>

<http://www.museudocinema.com.br/>

<http://www.devotudoaocinema.com.br/>

<http://www.cinemateca.gov.br/>



Os militares que disseram não, documentário de Silvio Tendler

Do Brasil Popular Nem todos militares são de direita, filme de Sílvio Tendler
Dirigido por Silvio Tendler, o filme faz parte do Projeto Marcas da Memória da...

JORNALGGN.COM.BR

CurtirComentar

LIVROS

Um país se faz com homens e livros – M.Lobato

PARA ENTENDER O GOLPE DE 1964 – Coletanea P.Timm Org.

Clique -

<http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/1111171015471964.pdf>

I - Livros

Sexta-Feira, 13 Os últimos dias do governo João Goulart de Abelardo Jurema Clique aqui e faça o download do livro. Quem dará o golpe no Brasil? de Wanderley Guilherme Clique aqui e faça o download do livro. *Agradecimento especial para Abelardo Jurema Filho e Wanderley Guilherme que nos autorizaram a reproduzir as obras "Sexta-feira, 13" e "Quem dará o golpe no Brasil?", respectivamente. Bibliografia BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64. São Paulo: Brasiliense, 1979. _____. O caminho da revolução brasileira. Rio de Janeiro: Melso, 1962. BORGES, Mauro. O golpe em Goiás - história de uma grande traição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Coleção Retratos do Brasil, 1965. BRANCO, Carlos Castelo. Os militares no poder. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 1, 1976. CAMARGO, Aspásia; GOES, Walder de. Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. CONY, Carlos Heitor. O ato e o fato. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. CASTELLO BRANCO, Humberto de Alencar. A Revolução de 31 de março. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1966. COUTINHO, Lourival. O General Góes depõe. 2ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Editora Coelho Branco. D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon, & CASTRO, Celso. Visões do golpe: A memória militar sobre 1964. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. DINES, Alberto, et alii. Os idos de março e a queda em abril. Rio de Janeiro: José Alvaro, Editor, 1964. DREIFUSS, Renè Armand. 1964: a conquista do Estado - Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981. DULLES, John W. F. Castello Branco. O caminho para a presidência. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. FERREIRA, Oliveira S. As Forças Armadas e o desafio da revolução. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1964. FIGUEIREDO, Argelina C. Democracias ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. GASPARI, Elio. A Ditadura Envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. GOES, Walder de. O Brasil do General Geisel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. GORENDER, Jacob. O Combate nas trevas. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998. GUEDES, Carlos Luis. Tinha que ser Minas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1979. MELLO, Jaime Portella. A Revolução e o Governo Costa e Silva. Rio de Janeiro: Editora Guairra Editores. 1979. MOURÃO FILHO, Olympio. Memórias: a verdade de um revolucionário. Rio de Janeiro: L&PM. 1978. OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de et alii. As Forças Armadas no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. IANNI, Octávio. O colapso do Populismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. JUNIOR, Caio Prado. A Revolução Brasileira. 1ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1966. JUREMA, Abelardo. Sexta-feira 13 - Os últimos dias do governo João Goulart. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964. REIS FILHO, Daniel Aarão. A revolução faltou ao encontro - Os comunistas no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. ROMAGNOLI, Luis Henrique & GONÇALVES, Tânia. A Volta da UNE – de Ibiúna a Salvador. São Paulo, SP: Alfa-Ômega, 1979. SALLUM, Brasília Jr. Labirintos: dos Generais à Nova República. São Paulo: Hucitec. SANFELICE, José Luis. Movimento Estudantil – A UNE na Resistência ao Golpe de 64. São Paulo, SP. Cortez, 1986. SANTOS, Francisco Rua (org). Marechal Castello Branco. Seu pensamento militar: 1946- 1964. Rio de

Janeiro: Imprensa do Exército. 1968. SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Sessenta e quatro - Anatomia da crise. São Paulo: Vértice, 1986. SCHILLING, Paulo R. Como se coloca a direita no poder. São Paulo: Global. Vol. I: Os Protagonistas. Vol. II: Os Acontecimentos, 1979. SILVA, Hélio. 1964 - Golpe ou Contragolpe?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. SKIDMORE, Thomas. Brasil: De Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Saga, 1969. STARLING, Heloisa Maria Murgel. Os senhores das Gerais - Os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964. Petrópolis: Vozes, 1986. TAVORA, Juarez. Uma vida e muitas lutas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1974. TOLEDO, Caio Navarro. O governo Goulart e o Golpe de 1964. São Paulo: Brasiliense, 1982. TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: Visões críticas do golpe. Campinas, SP: UNICAMP, 1997. Ficção* ÂNGELO, Ivan. A Festa. 8ª ed., São Paulo: Geração Editorial, 1995. BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Zero. 12ª ed., São Paulo: Global, 2001. CALLADO, Antonio. Quarup. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. _____. Bar Don Juan. 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. CONY, Carlos Heitor. Pessach: a travessia. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999. CONY, Carlos Heitor; VENTURA, Zuenir; VERÍSSIMO, Luis Fernando. Vozes do Golpe. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 (4 vol.) GUIMARÃES, Josué. Camilo Mortágua. 7ª ed., Porto Alegre: L&PM, 2000. VERÍSSIMO, Erico. Incidente em Antares. Rio de Janeiro: Globo, 2002. Poesia* MELLO, Thiago de. Faz escuro mas eu canto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 14ª edição, 1993. _____. A canção do amor armado: 7ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, 1993. GULLAR, Ferreira. História de um valente (cordel). (Cordel feito sob encomenda para o Partido Comunista, a fim de ajudar na campanha de libertação de Gregório Bezerra. O livro foi publicado na clandestinidade e Gullar usou o pseudônimo de José Salgueiro, numa referência à sua escola de samba. Na época, foi divulgado que José Salgueiro era um poeta popular, e só muitos anos depois Gullar assumiu a autoria do cordel).

II - Filmografia*

A derrota, Mário Fiorani. (1966) Ação entre Amigos, Beto Brant (1998) Alma Corsária, Carlos Reichenbach (1994) Anos Rebeldes, Denis Carvalho (1992) As armas, Astolfo Araújo. (1969). As Meninas, Emiliano Ribeiro (1995) Barra 68 - Sem Perder a Ternura, Vladimir Carvalho (2000) Brazilianas 16 - Anistia no Cinema (1978/79) Cabra Marcado Para Morrer, Eduardo Coutinho (1964-1984) Dois Córregos, Carlos Reichenbach. (1999) Feliz Ano Velho, Robert Gervitz (1988) História do Brasil Vol. VII (1993) Jango, Silvio Tendler (1984) Jânio a 24 Quadros, Luiz Alberto Pereira (1981) Jardim de guerra, Neville d'Almeida. (1968). Kuarup, Ruy Guerra (1988) Lamarca, Sergio Rezende (1994) Leila Diniz (1987) Muda Brasil, Oswaldo Caldeira (1985) O Bandido da Luz Vermelha, Rogério Sganzerla (1968) O bravo guerreiro, Gustavo Dahl. (1968). O Desafio, Paulo Cezar Saraceni (1965) O Evangelho Segundo Teotônio, Vladimir Carvalho (1984) O País dos Tenentes, João Batista de Andrade (1987) O Que É Isso Companheiro?, Bruno Barreto (1997) O Velho, Toni Venturi (1997) Opinião pública, Arnaldo Jabor. (1967). Os Anos JK - Uma Trajetória, Silvio Tendler (1980) Os fuzis, Ruy Guerra. (1965). Pra frente Brasil, Ronaldo Farias. (1981). Que Bom Te Ver Viva, Lúcia Murat (1989) Terra em transe, Glauber Rocha. (1967). Testemunha da História, Boris Casoy (2000). Ulysses Cidadão, Eduardo Escorel (1993) Vida de Artista, Haroldo Marinho Barbosa (1972) *Agradecimento especial à professora Walnice Nogueira Galvão e ao Centro Sérgio Buarque de Holanda pelas indicações aqui apresentadas.

LIMPANDO A LINGUA COM MACHADO

http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=machado%20de%20assis&co_categoria=2&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=null&ordem=null

Adão e Eva

Machado de Assis

[ua] Universidade da Amazônia - UNAMA

[TV Cultura - Entrelinhas](#)

www2.tvcultura.com.br/entrelinhas/sobre.asp

[A Nova Literatura Brasileira - Programa 4 - TV - Câmara ...](#)

www2.camara.leg.br > ... > TV Câmara > Sempre Um Papo

[Ver TV debate a literatura na televisão brasileira | | TV Brasil](#)

tvbrasil.ebc.com.br/vertv/.../ver-tv-debate-a-literatura-na-televisao-brasil...

[Literatura Fundamental - Univesp TV - TV Cultura](#)

univesptv.cmais.com.br/literatura-fundamental

[Leituras - TV Senado](#)

www.senado.gov.br/noticias/TV/Programa.asp?p=19

...

[Globo News Literatura | Botequim Cultural](#)

botequimcultural.com.br/globo-news-literatura/

[Literatura Agora - Magazines - RTP](#)

www.rtp.pt/programa/tv/p31415

[MESTRES DA LITERATURA - TV Escola](#)

tvescola.mec.gov.br/tve/videoteca-series!loadSerie?idSerie=789

TELEVISÃO

Arte 1 – O Canal - arte1.band.uol.com.br/o-canal/

O **Arte 1** é o primeiro **canal** brasileiro com uma programação inteiramente dedicada à **arte** e à cultura. Dança, música clássica e popular brasileira, cinema

TV Escola: Principal

tvescola.mec.gov.br/

A **TV Escola** é o canal da educação. É a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores e educadores brasileiros, aos alunos e a todos .

TV CULTURA

[Roda Viva | Marcos Lisboa | 28/03/2016 - YouTube](#)

► 1:21:37

https://www.youtube.com/watch?v=MioU_7uQ0eE

4 dias atrás - Vídeo enviado por Roda Viva

O economista **Marcos Lisboa**, presidente da instituição de ensino superior e pesquisa Insper, falará sobre ...

VARIEDADES

http://www.vice.com/pt_br/

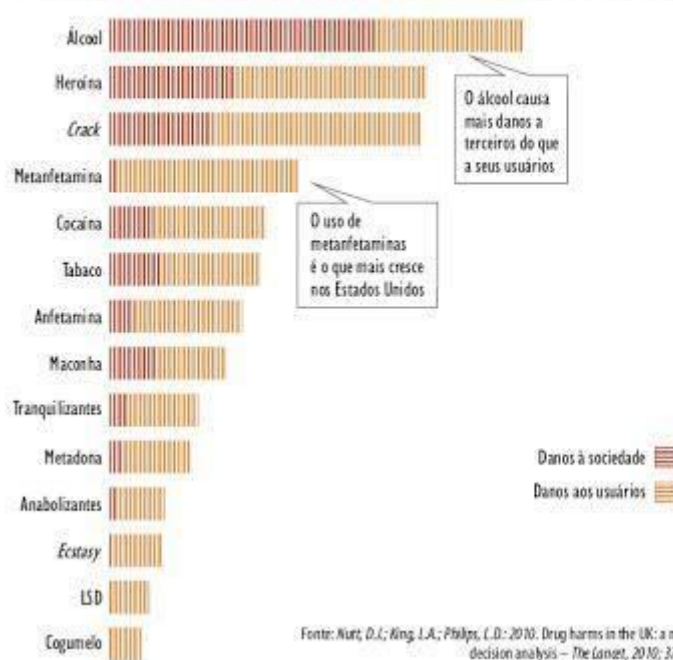
<http://orapois.blogfolha.uol.com.br/>

Drogas:

Há uma diferença fundamental entre as drogas. O álcool é muito mais disseminado e letal. Nele, no álcool, devia residir a prioridade das autoridades governamentais sobre controle de drogas. Ele é massivo, corrosivo, extensivo... As drogas pesadas são terríveis mas atingem um número relativamente pequeno da população. Controle de drogas devia ser controle do álcool. Pelas consequências sobre o corpo e o espírito, pelas consequências negativas no mundo do trabalho, pelas consequências nefastas nas famílias, pelos desastres que provoca no trânsito...

Álcool causa mais danos; crack aparece em 3º lugar

Estudo desenvolvido na Inglaterra estimou mortes de usuários e acidentes



CRÔNICAS , CONTOS E ETERNAS REPORTAGENS

Oração matinal.da auto-destruição, único caminho da coerência.

Recitar logo depois de escovar os dentes...

"Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada, coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada..."

Guimarães Rosa



[Desafio Microcontos - Cem Toques](#) Curtir Página

"Olho-me no espelho e tenho medo de mim.

E te pergunto:

- Você tem medo?

Se eu fosse você teria medo."

(Rô Mierling)

[#desafio](#) [#cemtoques](#) [#microconto](#)

ENTREVISTA ESPECIAL Notícia da edição impressa de 28/03/2016. Alterada em 27/03 às 22h22min

As lições de Juscelino Kubitschek em 1964

"Documentos americanos revelam colaboração de ex-presidente com EUA nos dias que antecederam o golpe", analisa o Grupo de Reflexão sobre Relações Internacionais, em artigo publicado por CartaCapital, 17-12-2015.

Eis o artigo.

No dia 1o de abril de 1964, **Lincoln Gordon** relatava ao **Departamento de Estado**: "Encontrei **Kubitschek** às 21:15 e mandei uma mensagem que aparentemente não foi enviada no meio da confusão de ontem à noite. (...) **Kubitschek** disse que a movimentação de **São Paulo** seria crítica para o sucesso, e se a rebelião fosse branda, **Goulart** abriria seu caminho para a ditadura. (...) Nós conversamos sobre o problema da legitimidade, que ele pensou que seria facilmente cuidado pelo **Congresso**, se o aspecto militar fosse resolvido. Ele tinha visto **Goulart** no meio da tarde e suplicou que salvasse seu mandato fazendo uma ruptura clara com a **CGT** e os comunistas, mas **Goulart** disse que isso seria sinal de uma fraqueza que ele não poderia mostrar. (...) A hora teria claramente chegado e nessas horas não seria necessário nenhum apoio especial dos **EUA**."

O informe do embaixador dos **EUA no Brasil** deixava claro o rompimento do ex-presidente, e então senador **Juscelino Kubitschek**, com o presidente **João Goulart** (seu ex-vice), e expunha a sua aberta colaboração com o **Departamento de Estado norte-americano**, monitorado naqueles dias diretamente pelo presidente **Lyndon Johnson**, por telefone, de seu rancho no **Texas**.

Na tarde do dia 1o de abril de 1964, o subsecretário de Estado norte-americano, **George Ball**, atualizava-se com **Gordon** sobre a situação no **Brasil** e traçava as variáveis para o sucesso dos "revoltosos / golpistas". Segundo essas conversas, um apoio declarado dos **EUA** fortaleceria o movimento **pró-Goulart**.

Entre as possibilidades aventadas para retaguarda militar estadunidense estavam acionar porta-aviões, navios e se preciso, aviões, cheios de armamentos (com registro raspado), além de deslocar três destróieres e um submarino para a **Baía de Guanabara**.

A participação de **JK** nas movimentações norte-americanas do dia 31 de março não se limitou à conversa com **Gordon**. Ele também reafirmou a **James Minotto**, assessor americano para as relações com o **Senado**, suas posições: "Em uma conversa com **James Minotto**..., **Kubitschek** disse que, para razões práticas, a situação já estava definida. Aconteceria um golpe bem-sucedido contra **Goulart**, e que a resistência a isso se resumiria a uma greve geral de dois ou três dias. [Segundo ele] os trabalhadores ... iriam voltar ao trabalho assim que comesçassem a ficar com fome". Nessa conversa, **JK** reconfirmava que "estava rompendo com ele [**Goulart**] já que o presidente estava seguindo um caminho que acabaria por entregar o país aos comunistas".

As próximas relações de **Kubitschek** com os governantes estadunidenses, de ambos partidos, vinham desde antes de seu mandato como presidente. Um relatório "pessoal e confidencial" do então assessor especial da **Casa Branca**, o magnata do petróleo **Nelson A. Rockefeller**, ao presidente **Eisenhower**, após a eleição de **JK** em dezembro de 1955, mostrava isso.

Para **Rockefeller**, **JK** era visto como um aliado importante: "O presidente eleito do **Brasil**, **Juscelino Kubitschek**, passou a ser o meu amigo. ... Sob sua liderança, parece-me que há uma grande oportunidade para que as relações entre **Brasil** e **EUA** sejam muito mais próximas como há muito tempo não são".

No mesmo relato, **Rockefeller** indicava que o contato pessoal seria fundamental, para que se desenvolvesse uma boa relação entre os países: "(...) Como muito brasileiros, ele é altamente personalista em seus sentimentos e por causa disso, estou tomando a liberdade de escrever esta nota para fazer uma sugestão relacionada à sua posse, que está próxima.... Eu tenho a sensação que, com base no grande sucesso de suas turnês de boa 'vizinhança' anteriores, seria possível que o vice-Presidente **Nixon** chefiasse a delegação da posse de **Kubitschek** no próximo mês, onde ele seria muito bem recebido no **Brasil** e ajudaria enormemente a começar de maneira forte o seu mandato".

Desde sua campanha, **JK** era visto pela Casa Branca como garantia de bons negócios e de luta contra o comunismo no **País**. No mesmo relatório, ainda em 1955, **Rockefeller** descrevia com bons olhos o Plano de Metas, a aproximação com os **EUA** e o seu anticomunismo: "**Kubitschek** mencionou seus planos de promover um grande desenvolvimento da economia brasileira... ele disse que os **EUA** eram o único país que poderia auxiliá-lo a aprofundar seus planos econômicos... **Kubitschek** relatou que ele não era comunista e que não permitiria que comunistas fossem ativos no seu governo".

As escolhas de **JK** ao longo de sua carreira política, por um desenvolvimento econômico associado (fortemente financiado por bancos internacionais e impulsionado por empresas estrangeiras), pela infraestrutura com base no transporte rodoviário e no petróleo, pelo incentivo às grandes indústrias automobilísticas, e o seu anticomunismo, aproximavam ainda mais **Juscelino**, eventual candidato à presidência em 1965 (possivelmente contra **João Goulart**) e os **Estados Unidos**.

As revelações dos documentos norte-americanos explicitando a colaboração de **JK** com o embaixador **Gordon** na véspera do golpe também trazem elementos e lições aos políticos brasileiros de hoje. Muitas vezes o rompimento com a normalidade democrática, motivado por vantagens pessoais imediatas, pode desencadear, a médio e longo prazo, prejuízos incalculáveis ao país e, muitas vezes, a esses próprios políticos. A conjuntura de momento pode ser favorável, mas a História não perdoa.

--

Rennan Martins - Jornalista e Editor do [Blog dos Desenvolvimentistas](#)

BOLETINS DE NOTÍCIAS E ANÁLISES



13 sites que querem mudar o jornalismo brasileiro

Estes projetos transformaram crise em oportunidade.

BUZZFEED.COM

[www.sul21.com.br](#) - [www.outraspalavras.com.br](#) - [www.cartamaior.com.br](#)

[www.desenvolvimentistas.com.br](#) - [http://www.auditoriacidada.org.br/](#)

[www.maurosantayana.com](#) - [www.paulotimm.com.br](#) [http://ciperchile.cl/](#)

[www.correiocidadania.com.br/](#) - [www.ecodebate.com.br](#)

[www.patrialatina.com.br](#) [www.estrategiaeanalise.com.br](#) - [www.abdic.org.br](#)

[http://www.redebrasilatual.com.br/economia](#) - [http://plataformapoliticasocial.com.br/](#) -

[http://www.ifch.unicamp.br/cemarx/site/](#) - [http://gilvanmelo.blogspot.com.br/](#)

[http://www.voltairenet.org/](#) - [http://www.esquerda.net/](#) - [http://resistir.info/](#) -

[http://br.sputniknews.com](#) [http://www.laondadigital.uy/](#) [http://www.diarioliberalidade.org/](#)

[http://www.dominiopublico.gov.br](#) - [https://www.facebook.com/ptjornal](#) - [http://www.oplop.uff.br](#)

[http://www.laondadigital.uy/](#) - [http://newleftreview.es/](#) - [http://www.esquerda.net/](#) -

[www.laondadigital.uy/](#)

Sociedade Brasileira de Economia Política

Fórum Mundial das Alternativas - [http://www.nexojornal.com.br/](#)

Indicadores Economicos BACEN- [http://www.bcb.gov.br/?INDECO](#)

ESTUDE ONLINE COM O QG DO ENEM - [HTTP://WWW.ENEM.COM.BR/CURSOSENM/](http://www.enem.com.br/cursos/enem/)

FORUM 21 - <https://www.facebook.com/groups/1465485120431945/>

Blogs : <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/>

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/>

<http://bissexto.com.br> - www.agambenbrasil.com – <http://blogdaboitempo.com.br/>

<http://www.timmsouza.blogspot.com.br/> - <http://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/vladimir-safatle/>

<http://marxrevisitado.blogspot.com.br>



REFORMA POLÍTICA JÁ! - <http://www.reformapolitica.org.br/>

Reforma Política Democrática - [WWW.FPABRAMO.ORG.BR](http://www.fpabramo.org.br)